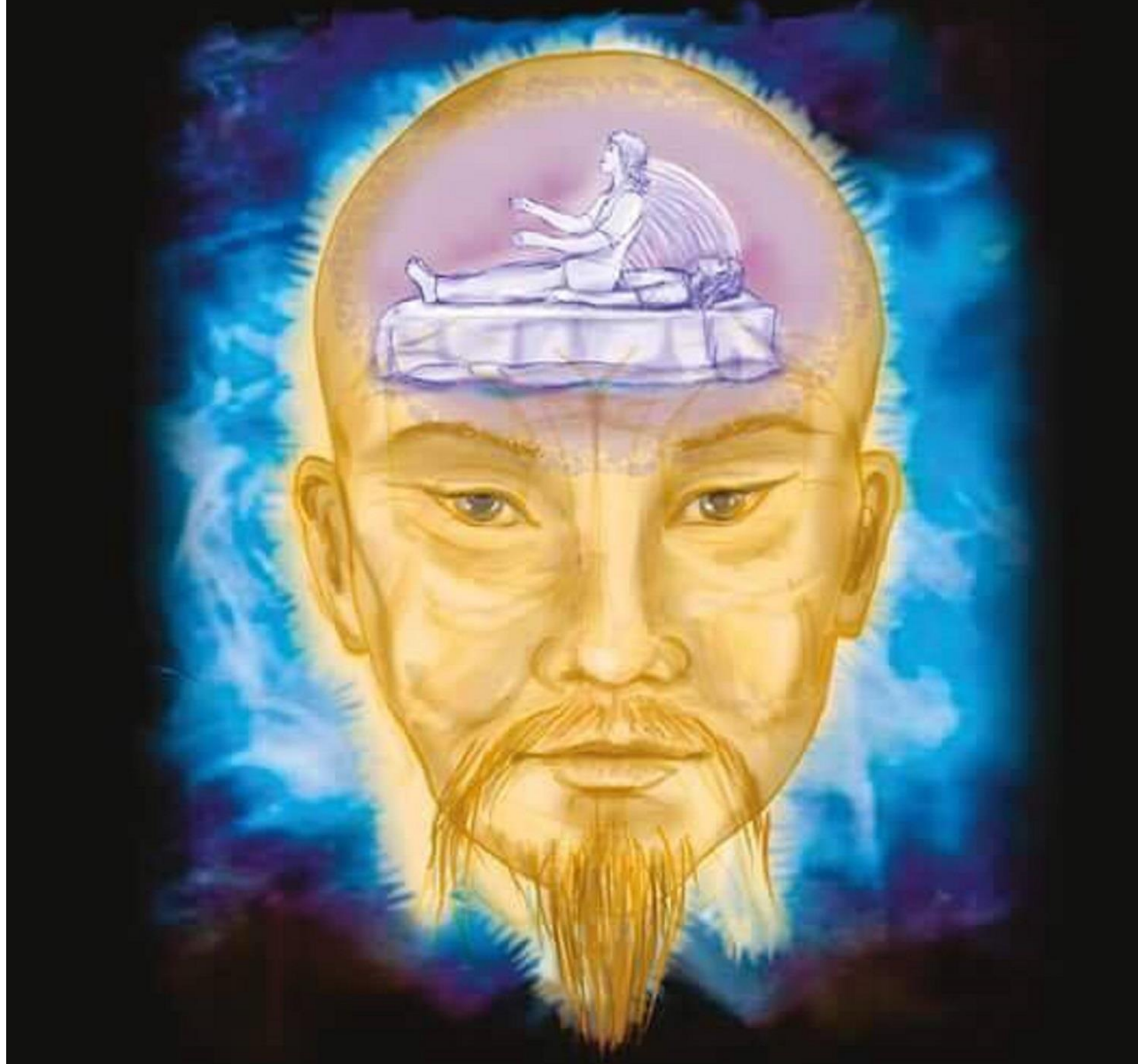


Luiz Roberto Mattos

# SANA KHAN

UM MESTRE NO ALÉM



Parte 1

## PREFÁCIO

Mestre Além da Mesa

Oleone Coelho Fontes

Mesa de audiência de Junta de Conciliação e Julgamento é encruzilhada, palco de ocorrências e encontros para lá de sibilinos.

A imagem é razoável.

Um dia ali o matuto das brenhas se descobriu. Cronista de fidalguias sertanejas, escrivão de tidos e havidos em impérios pedregosos, rapsodo de cavernas e grutas em universo de gravetos e morcegos, irmanado a calangos, lagartixas, urubus, gaviões e cascavéis, penitentes e pagadores de promessa, ei-lo, num átimo, có-presidindo mesa de audiência da Justiça do Trabalho. Sessões soleníssimas, có-responsabilidade em sentenças judiciosamente prolatadas. Em lugar de guarda-peito, gibão, sapato de couro-cru, a gravata bem encaixada, colarinho alvo, linguajar cheio de dedos, palavrório extra-dicionário.

Cresceu por dentro o ádvena que só havia feito périplos em tal universo pela beiradinha. Parodiei Vieira: Estou Juiz Classista.

Pela minha mesa passaram juízes de todos os matizes, tamanhos e posturas: baixinhos, galalaus, gordalhufos, secos, sizudos, bem e mal-humorados, almofadinhas, malamanhados, fecundos, introvertidos, despachados, vagarosos, favoráveis à representação paritária, Torquemadas desta, risonhos... Educadíssimos de modo geral.

Os togados passam, os classistas ficam e apregoam.

A máxima é originalíssima.

Nalguma tarde daquele período, surgiu outro sentenciador, magrinho, narigudo, rosto encovado, riso que escorregava dos beijos que nem cascatinha amoitada em caatanducas do raso. Encarei o sujeito, apertamo-nos e senti, naquele instante em que lhe segurava a mão, que minha vida entrava em nova cadência.

O mestre tomou assento na mesa, fizeram-se os pregões tradicionais, causídicos conciliaram, audiências foram suspensas e adiadas, testemunhas juraram dizer somente a verdade, nada mais que a verdade, partes desentenderam-se, partiram uma em direção à outra apercebidas de palavras rudes e selváticas, e o mestre não se alvoroçava. Como se na prática de ritual de alguma religião oriental e misteriosa, em plena sessão.

Cabra retado de bom este árbitro, cisme eu. Devia estar presidindo Corte Universal de Justiça, embates do mais alto nível cósmico.

Logo vi que não me enganara.

Em outra audiência, num acesso de pusilanimidade, confessei ao suave mediador de lides, minhas inclinações literárias, quase pedindo perdão. Ele me olhou do alto de sua humildade e mansuetude e desabafou: - Tenho no espírito, congelado, um romance.

Muitos dos que me têm descoberto beletrista confessaram sua submissão à vontade de traçar episódios da vida ou do imaginoso, em urdiduras romanescas. Era de se esperar que o escriba de sentenças, embargos, execuções, arrestos também fosse possuidor de algum cartapácio além-julgamento, manufaturado ou na mente.

O coração, num impulso comum a tais condições, me orientou a agir: dando estímulo a quem me confessava, num desabafo, ser atraído para a ficção. Fui sintético: - Ponha no papel o que lhe esmaga o espírito.

Naquele instante o mestre Sana Khan pulou sobre a mesa, em cima dos processos, cheio de vida.

Seis meses depois, nem mais um dia, estava pronto o romance a respeito do qual Luiz Roberto Mattos me segredou em interregno de interrogatório.

A obra me foi entregue em capítulos, manuscrita, para que eu fosse emitindo observações, eventualmente dando sugestões de natureza estilística. Ninguém melhor que um canibal de livros para falar de livros. Neste ponto Beto acertou e ainda teve a generosidade de me escolher prefaciador. Ora, como não sou crítico, digo o que está aí, de modo impressionista, mas com sinceridade.

Tinha diante de mim, em retalhos, corpo cujos membros me iam sendo fornecidos paulatinamente. No princípio era o verbo. Em seguida o verbo se fez cabeça, tronco, membros, fábula.

Estava pronto o Sana Khan, com o qual me integrava e em cuja trama me emaranhei como um insetozinho em descomunal teia de aranha.

Metemos os originais no sovaco e fomos parar no Rio de Janeiro. Durante onze dias tratamos fatalmente de literatura: no avião, nos restaurantes, nos transportes, nos longos passeios a pé, nos automóveis dos amigos, nas visitas que fizemos a locais referidos na obra, bairro da Urca, onde Beto viveu quadra de sua adolescência, reconquistada na composição literária.

Em Petrópolis os originais foram entregues a padre da Vozes, que não os editou por fugir ao esquema editorial da empresa.

Sana Khan é um delírio, ei-lo, prontinho!

Delírio através do qual se ministram lições de amor, de convivência e mansuetude, tudo em profusão, numa linha divisória entre sonho, realidade e ficção de tal modo que o

leitor ficará perdido no espaço, escutando os lábios do mestre dizendo de coisas extraordinariamente verossímeis.

Luiz Roberto, antes de magistrado talentoso, é um sensitivo, um fenomenologista. Seus sentidos estão em frequência com o cosmos. Por isso regala-nos com obra que nos eleva ao êxtase, como uma overdose de estupefaciente. Um agravante: Sana Khan foi escrito sem consultas a fonte de pesquisas. tudo - ioga, teosofia, magia, astrologia, parapsicologia, numerologia, filosofias clássicas grega e indiana, budismo, cristianismo, regressões de memória, paranormalidades, extra-sensorialismo -, é fruto de leituras feitas, faz anos, quando Beto se debatia entre a arquitetura, os estudos de Direito e desertar para a Índia de mochila nas costas.

Dado o piparote inicial, a obra explodiu, em lavras incandescidas. Sana Khan é uma aula de antropologia cósmica. Coincidentemente, enquanto Beto a redigia, dava eu os últimos retoques no Cristais em Chamas. Foi a conjugação de cristais de quartzo, fontes de intercomunicações estelares, e o sensitivismo de Beto, que nos uniu num amplexo que teve origem bem longe, em outras eras, mas cujas imagens, coaguladas nos recessos do imaginário, liquifizeram-se numa infatigável mesa de audiências.

1992/setembro

## ÍNDICE

CAPÍTULO 1 .....	6
CAPÍTULO 2 .....	10
CAPÍTULO 3 .....	20
CAPÍTULO 4 .....	33
CAPÍTULO 5 .....	43
CAPÍTULO 6 .....	51
CAPÍTULO 7 .....	57
CAPÍTULO 8 .....	64
CAPÍTULO 9 .....	69
CAPÍTULO 10 .....	76
CAPÍTULO 11 .....	85
CAPÍTULO 12 .....	95
CAPÍTULO 13 .....	106
CAPÍTULO 14 .....	114
CAPÍTULO 15 .....	122
CAPÍTULO 16 .....	129
CAPÍTULO 17 .....	138
CAPÍTULO 18 .....	145
CAPÍTULO 19 .....	152

## CAPÍTULO 1

Era noite de lua cheia, um dia do mês de agosto de 1978. O céu estava limpo, sem nuvens. Apenas estrelas cintilavam, em seu resplendor magistral, como se estivessem se preparando para registrar uma experiência que mudaria minha vida. O vento soprava calmamente, penetrando em suave brisa, pela janela do meu quarto, gerando um clima de frescor e bem-estar indizíveis. Deitado só, em meu quarto, preparava-me para um ritual que todos os dias repetimos sem nos apercebermos de sua real importância, nem seu mágico significado - o sono. Quantos mistérios, lendas, contos, credices populares e estudos já foram elaborados por místicos, religiosos, cientistas e homens do povo? Que há por trás do sono e dos sonhos? Um mundo de interrogações, até hoje praticamente irrespondíveis. Tantas vezes cruzamos a fronteira do sono, retornando pela manhã, sem recordarmos do que nos aconteceu! Quantas vezes sonhamos com situações que se tornam realidade em seguida, em verdadeira epopéia precognitiva. Quantos pesadelos de perseguições nos faz acordar sobressaltados, suarentos, frenéticos e apavorados? Quantos sonhos suaves nos enleva e nos faz sentirmo-nos nas nuvens? Em meio a esses pensamentos, estava eu, deitado, procurando, mais uma vez, relaxar o corpo e a mente, visando entrar no estado ideal para a saída astral, como tantas vezes havia lido, ouvido falar, e praticado em rudimentares experimentos. Após algum tempo de relaxamento, quedei-me inerte, imóvel, sonolento, e deixei que o deus Morfeu me embalasse em seu colo.

Contava, nessa época, apenas dezenove anos de idade, próximo a completar vinte, em setembro. Possuía, no entanto, invulgar maturidade, pois comecei a servir ao Exército com dezesseis anos, como aluno do Curso de Formação de Reservista (CFR), no Colégio Militar de Salvador, o que me ajudou sobremaneira, tanto na formação do meu caráter, quanto na constante assunção de postos de responsabilidade. Mais tarde descobriria ligações entre o militarismo nesta minha vida e em outras passadas, traço marcante em meu espírito. Vinha, também, realizando determinadas leituras de livros enviados por um amigo de meu pai, que morava no Rio de Janeiro, além de outros que encontrava na Biblioteca do Colégio Militar. Havia algum tempo que iniciara minhas leituras e pesquisas acerca das coisas ditas espirituais, notadamente a partir de 1976, quando conheci o Sr. Gregório, que morava no Rio de Janeiro. Todas as leituras e reflexões que havia empreendido, desde 1976, agora faziam parte do meu acervo de conhecimento, influenciando minha vida material, minhas atitudes com as pessoas, relações sociais e emoções. E agora, ali estava eu, deitado, dormindo profundamente, sem perturbações. Lá fora, na casa vizinha ao meu prédio de três andares, um cachorro pastor-alemão, que tantas vezes me acordara latindo repetidamente, uivava, como se lamentasse sua solidão noturna, vigilante implacável dos bens materiais do dono. Cá dentro, em meu leito de morte, - sim, pois o sono é uma morte repetida, todas as noites -, tranqüilamente deslizava para o plano da quietude, do silêncio, do ócio físico.

Repentinamente, no meio da noite, acordei ao som de uma voz suave, feminina, que me chamava pelo apelido, dizendo:

--- Beto, saia.

Apesar da voz calma, e do fato de abrir os olhos e ver, em pé, ao lado de minha cama, uma conhecida, meio amiga, que freqüentava uma Casa Espírita que eu também começara a freqüentar, curioso que estava de aprender tudo acerca do espírito, esse fato em nada me tranqüilizou. Estava, confesso, completamente apavorado. Não via meu próprio rosto, mas sei que minha expressão era de verdadeiro e total terror, medo extremo. Celene era mulher

de meia idade, morena bonita, simpática, de cabelos curtos e corpo esbelto. Seus traços faciais convidavam a um abraço fraternal, jamais ao medo ou desespero. Gostava muito dela. Era, além de simpática, confiável, afável, doce, terna, podendo ser estendidos a sua pessoa dezenas de adjetivos do gênero, sem qualquer exagero. Por que, então, estava com medo? Qual a razão, qual a explicação, ou a lógica? De certo modo é simples de explicar. Estava dormindo tranqüilo, quando acordei com a voz de Celene, abri os olhos e a vi de pé, a meu lado, em meu quarto, em minha casa, distante quilômetros de sua residência, no meio da madrugada, uma mulher casada, mandando que eu saísse. O que estaria ela fazendo ali, no meu quarto? Certamente não estava fisicamente presente, posto que não me mandaria sair. Para onde ou de onde deveria sair? Da cama, do quarto? Não, não tinha lógica. Ademais, após dois anos de estudos sobre as coisas do espírito, e recentemente concentrado em estudos acerca da viagem astral, também chamada de desdobramento, ou projeção astral, ou ainda transporte, era de se esperar que alguma coisa do gênero fosse me acontecer. Além disso, não foi, a bem da verdade, a primeira experiência extrafísica que tivera, mas a primeira em que me sentira verdadeiramente espírito que pode perceber e se expressar independentemente do corpo ao qual estamos tão habituados a chamar de "eu".

Após Celene chamar-me por duas ou três vezes, sem que me apercebesse, e inteiramente contra minha vontade, vi-me repentinamente de pé, ao lado da cama, em posição virada para a porta do quarto, que se encontrava aberta, e de costas para minha amiga. Não mais a vi, após ter ficado nessa posição. Não sei sequer o que fazia. Estava em estado não de êxtase, mas de embriaguez mental. Esta é a única maneira de descrever meu estado naquele momento. Estava bêbado, podendo ser levado para qualquer lugar, por qualquer pessoa, sem controle e domínio, tanto de meu corpo quanto de minhas emoções. Estas estavam, aliás, em frangalhos. O pavor suplantava meu raciocínio, obnubilando, por completo, aquela capacidade de reflexão e análise racional que me era comum. Naquele instante, era como um bebê chorão e dependente. E esse estado mental e emocional me impediu de aproveitar melhor a experiência.

Como dizia, estava de pé, de frente para a porta, atônito, aturdido, quando, para maior pavor, aproximou-se, vinda não sei de onde, uma forma ovalada, de um vermelho irritantemente brilhante, uma cor que jamais visualizara na dimensão que normalmente vivia, a física, material, e dirigiu-se a mim, aproximando-se cada vez mais. Difícil descrever o que presenciara. Em questão de segundos, quase instantâneos, percebi que dentro da estrutura ovóide que de mim se aproximava estava uma mulher, pelo menos era essa a sensação que eu sentia. Vi um rosto que me pareceu feminino, ainda que transformado e deformado por um sentimento misto de raiva, ódio e indignação, talvez diante da minha reação de medo. Atravessamos, então, creio eu, um ao outro. Incrível a sensação. Foi como se passasse por dentro de uma nuvem sem me molhar. Senti algo passar e atravessar-me o "corpo". Então percebi que após isso acontecer, a mulher dirigiu-se para a porta e saiu aligeiramente pelo corredor do apartamento. Nesse instante, perdi de vista aquela figura feminina, envolta em uma chama, qual fogueira viva ambulante, aterradora, que hoje me faz recordar meus estudos sobre a aura, suas cores e significado. Perdi a consciência a partir da saída da "chama viva", acordando pela manhã cedo com a clara recordação do que me sucedera. Não sei o que aconteceu com Celene, o que fez comigo, como e quando retornou para sua residência, nem o que aconteceu àquela mulher estranha que invadira meu quarto, como se estivesse em sua própria casa. Quantas interrogações, divagações e coisas estranhas se passavam em minha mente. Que experiência! Como Celene viera para minha casa? Em seu corpo físico certamente não havia sido, pois a porta de entrada do apartamento estava

fechada, além da entrada do prédio. Depois, eu não estava bêbado, mesmo porque não bebia, levando, a essa época, uma vida saudável, com alimentação natural e vegetariana. Por que, então, meu pânico? Sabia, ao menos de leitura, que o espírito é imortal, que preexiste e sobrevive à morte. Acontece, porém, que nossa cultura ocidental, materialista, nos acostuma a sentir como se fôssemos o corpo, e nada mais. Identificamo-nos com o corpo, e temos, em consequência, medo de morrer, pois, sendo o corpo tudo, e nos faltando ele, o que sobrevem? A extinção, dizem os pensadores materialistas, ou o nada. A morte do corpo - sustentam eles - significa a morte da mente, pois ela nada mais é do que reações químicas que se processam no cérebro, enquanto este recebe o oxigênio bombeado pelo coração, que deixou de ser a antiga e milenar sede do sentimento. Acostumados que somos, condicionados ao extremo, a nos percebermos como corpo, ainda que leiamos e passemos a pensar analítica e racionalmente que o corpo não é tudo, que somos algo mais, alma, espírito, consciência vivente, ente etéreo, preexistente e sobrevivente ao corpo, quando nos deparamos com uma experiência como essa que descrevi, em que acordei com a presença de uma pessoa que sabia não estar morta, no entanto sua presença não era física, mas espiritual ou fluídica, energética, sentimos um arrepio na base da coluna vertebral, semelhante ao experimentado quando da proximidade da morte. Ora, não é nada fácil olharmos para uma pessoa que não é matéria, tal qual a conhecemos e é conceituada pela ciência ortodoxa oficial, sem entrarmos em choque racional, lógico, científico, cultural e até mesmo filosófico e religioso. Foi a primeira vez que, de fato, vi um espírito, ainda que de uma pessoa viva. Graças a Deus, pois se tivesse visto o de um parente ou conhecido já falecido, seguramente meu coração saltaria pela boca. Bem, como estava fora do corpo físico, que deveria estar deitado inerte na cama, talvez desmaiasse espiritualmente, se é que isso é possível.

Quando lemos ou ouvimos palestras sobre o espírito, os corpos energéticos ou fluídicos, aparições, projeção astral, etc., não podemos, nem de longe, saber exatamente a reação que vamos ter ao passarmos por uma experiência real do tipo da que tive, a primeira de uma série de centenas, após meses de estudos, treinos de relaxamento, mudança de hábitos alimentares, qualidade de música ouvida, forma de dormir (posição), comer, vestir, andar, tomar banho, pensar, orar, respirar e uma série de outras coisas que me facilitaram adentrar o mundo fascinante, deslumbrante, mágico e desconhecido, que é o lado invisível da existência, invisível enquanto estamos no corpo. Quantas surpresas, sustos, situações difíceis e também sensações e percepções agradabilíssimas me esperavam nesse outro lado da vida, a cada vez que cruzava a fronteira que separa o mundo dos vivos do mundo dos "mortos". Quantos encontros com parentes e amigos, e também inimigos, desta e doutras vidas, a me perseguirem e tentarem me impedir de sair do corpo físico para haurir conhecimentos relevantes dos entes que não habitam a esfera física. Que mundo incrível se abria para mim com essa primeira experiência fora do corpo, ou, como chamam os parapsicólogos americanos, "out of the body experience" (OBE). Descortinava-se uma infindável e rica gama de experiências a um ponto que jamais imaginei em minhas leituras e práticas preliminares. Conhecer seres de outras dimensões, não materiais, semelhantes a nós humanos, porém sem os entraves e escolhos do corpo pesado e denso, verdadeiro escafandro que temos de carregar durante a existência, como dizia um místico oriental. Livre dos entraves da matéria que é o corpo, porém ligado a ele por um tênue e quase imperceptível fio ou cordão energético, fluídico, aventurei-me, como descobridor destemido, a desbravar e devassar o mundo espiritual invisível. Celene foi o marco inicial, como o tiro que faz iniciar uma corrida, a me lançar freneticamente em um mundo que não conhecia, pelo menos não nessa existência física. Jamais me esqueceria de Celene, apesar de ela sequer lembrar-se de



sua visita a minha casa, quando perguntei-lhe a respeito. Estranhas coisas, essas do lado de lá, com leis desconhecidas, fatos e fenômenos indescritíveis e impalpáveis para a mente vulgar terrena. Porém, quando se pára para estudar, se aventurar e racionalizar as experiências vividas fora do corpo de carne, compreende-se a realidade de uma vida muito mais rica que a deste plano de vida, ainda que um pouco diferente. Oito horas, em média, por dia, habitamos outro mundo, outras dimensões suprafísicas, sem que, no entanto, nada recordemos, pelo menos de forma límpida e compreensível, pois às vezes retemos na memória lembranças esparsas e mescladas, desconexas, de nossas andanças no lado de lá. A cada noite uma morte, e a cada manhã um renascimento, uma ressurreição. De início, experiências confusas, trôpegas, depois passando a vivências lúcidas, tais como se estivéssemos no corpo físico, conseguindo reter no cérebro físico grandes experiências, com visual, sons e diálogos. Tudo questão de prática e técnicas, além de um preparo que não é impossível a nenhuma pessoa.

Sair do corpo, se não é algo impossível, nem impraticável, é seguramente arriscado para quem não conhece ao menos os rudimentos dos conhecimentos existentes e divulgados por quem já percorreu outras dimensões, e não é possuidor de certa moral, no sentido espiritual, que lhe possibilite receber assistência nas aventuras astrais. Por isso, somente iniciei minhas experiências práticas após algum tempo de estudo e mudança de hábitos, sobretudo mentais, atraindo para junto de mim seres que me levariam a atingir alturas com as quais nunca sonhei, conhecimentos que nem de longe julgava existir, contatos com personalidades quase fantásticas ou fictícias. A aventura começou como toda longa caminhada, com o primeiro passo, tendo Celene, não sei por que, sido o agente para me introduzir nesse maravilhoso mundo que tantos poemas, contos, lendas e livros sagrados tem inspirado. Tantos yogues, espíritas e iniciados já adentraram essa dimensão, com propósitos e níveis de conhecimento diversos. Quantos relatos possuímos hoje, em livros vários. Porém, só uma experiência pessoalmente vivida é capaz de dar dimensão de realidade e uma certeza de independência do espírito em relação ao corpo. A morte e seu medo se dissolvem, após vermos nosso corpo dormindo, e percebermos que a mente, o pensamento, o observador, não estão no corpo, na cama, mas fora dele, a olha-lo, admira-lo, como nunca antes pôde ser feito, com perspectiva do volume, e a tridimensionalidade. A perspectiva que se me descortinou à vista era tão avassaladoramente atraente que, como uma formiga que avança sobre o mel, atirei-me no desconhecido, enfrentando percalços e perigos, achando sempre que o saldo era positivo, diante do aprendizado e das descobertas. Continuei a experimentar, como um cientistazinho que pesquisa em um laboratório de fundo de quintal, no país dos tupiniquins, na terra dos orixás e do Senhor do Bonfim, distante dos aparelhos eletrônicos e de toda a parafernália dos centros de pesquisas americanos e europeus. Conquistei resultados fantásticos, que me animaram a prosseguir no contato com os seres que conhecia, passo a passo, cada vez mais elevados, na medida em que eu mesmo me elevava, até que conheci aquele que revolucionaria por completo a minha vida, meu saber, minha visão do mundo e do universo, aquele ser afável, amorável, sorridente, suave, que me foi apresentado como Sana Khan.